

Shall I compare thee to a summer's day?
 Thou art more lovely and more temperate:
 Rough winds do shake the darling buds of May,
 And summer's lease hath all too short a date:
 Sometime too hot the eye of heaven shines,
 And often is his gold complexion dimmed;
 And every fair from fair sometime declines,
 By chance or nature's changing course untrimmed.
 But thy eternal summer shall not fade,
 Nor lose possession of that fair thou ow'st;
 Nor shall death brag thou wander'st in his shade,
 When in eternal lines to time thou grow'st:
 So long as men can breathe, or eyes can see,
 So long lives this, and this gives life to thee.

— Comparar-te com um dia de verão?
 Tens mais doçura e mais amenidade:
 Flores de maio, ao vento rude vão
 Como o estio se vai, com brevidade:
 O sol às vezes em calor se exalta
 Ou tem a essência de ouro sem firmeza
 E o que é formoso, à formosura falta,
 Por sorte ou por mudar-se a natureza.
 Mas teu verão eterno brilha a ver-te
 Guardando o belo que em ti permanece.
 Nem a morte rirá de ensombrecer-te,
 Quando em verso imortal, no tempo cresces.
 Enquanto o homem respire, o olhar aqueça,
 Viva o meu verso e vida te ofereça.

Dos mais célebres, se não o mais célebre dos sonetos e, segundo Rowse, o primeiro a se tornar "popular". Este e o seguinte tratam da imortalidade através do verso, ultrapassada a proposta da imortalidade pela procriação. Conquanto originado da circunstância cortês da louvação ao protetor, o texto, como tantos outros na série, tem valor absoluto, transcendendo seu localismo contextual.

When, in disgrace with fortune and men's eyes,
 I all alone beweep my outcast state,
 And trouble deaf heaven with my bootless cries,
 And look upon myself, and curse my fate:
 Wishing me like to one more rich in hope,
 Featured like him, like him with friends possessed,
 Desiring this man's art and that man's scope,
 With what I most enjoy contented least:
 Yet in these thoughts myself almost despising,
 Haply I think on thee, and then my state,
 Like to the lark at break of day arising
 From sullen earth, sings hymns at heaven's gate:
 For thy sweet love remembered such wealth brings
 That then I scorn to change my state with kings.

Quando à margem da sorte e dos olhares
 Dos homens todos choro o meu estado
 E o surdo céu perturbo erguendo aos ares
 Este inútil lamento ante o meu fado,
 Sonho ser outro, com mais esperança,
 Cheio de amigos e bem parecido,
 Querendo as artes de um, o que outro alcança,
 E sou, do que mais amo, desvalido.
 Mas mesmo assim, quase me desprezando,
 Eu me lembro de ti e o meu destino
 (Qual cotovia na manhã se alçando)
 Da terra exausta ao céu levanta um hino:
 Que tendo o teu amor, recusarei
 Meu destino trocar pelo dos reis.

Dos mais famosos, este soneto se refere a uma fase em que Shakespeare recebera críticas severas e tinha pouca atuação no teatro (a isto se referiria o verso 8). A fase negra que atravessava, porém, não podia permitir que houvesse pausa em sua produção, qualquer que fosse.

When to the sessions of sweet silent thought
 I summon up remembrance of things past,
 I sigh the lack of many a thing I sought
 And with old woes new wail my dear time's waste:
 Then can I drown an eye, unused to flow,
 For precious friends hid in death's dateless night,
 And weep afresh love's long since cancelled woe,
 And moan the expense of many a vanished sight:
 Then can I grieve at grievances foregone,
 And heavily from woe to woe tell o'er
 The sad account of fore-bemoanèd moan,
 Which I new pay as if not paid before.
 But if the while I think on thee, dear friend,
 All losses are restored and sorrows end.

Outro soncto famosíssimo. Seus versos de abertura são das preferências de muitos e do tradutor. Aliterações em /s/ no verso 1 do orig. e da trad. No segundo verso, várias oclusivas plosivas bilabiais ("summon up remembrance ... past) que a trad. repete, procurando a forma dos impactos consonantais do orig. As aliterações percorrem todo o texto, como, por exemplo, nos versos 4, 9 (na trad. "perdas"/"perdidas"), 11 (na trad. "sofrer"/"sofrido") e 12 (na trad. "paga"/"pagar"). Vale re-

Em sessões do silente pensamento
 Eu chamo a mim lembranças do passado
 E porque há faltas ao meu chamamento,
 Em mal antigo, ao novo acrescentado,
 Deixo que os olhos, raro umedecidos,
 Chorem amigos que a noite levou,
 As mágoas de um amor revivescido,
 E o pranto gastem no que já passou:
 Depois lamento as perdas já perdidas
 Somando mágoa a mágoa até contar
 A triste conta do sofrer sofrido,
 Que já foi paga, mas torno a pagar.
 Mas se a lembrança te relembra ainda,
 A perda se restaura, a mágoa finda.

cordar que do segundo verso tirou Proust epigrafe para a sua Recherche.

LXVI

*Tired with all these, for restless death I cry,
 As, to behold desert a beggar born,
 And needy nothing trimmed in jollity,
 And purest faith unhappily forsworn,
 And gilded honour shamefully misplaced,
 And maiden virtue rudely strumpeted,
 And right perfection wrongfully disgraced,
 And strength by limping sway disabled,
 And art made tongue-tied by authority,
 And folly, doctor-like, controlling skill,
 And simple truth miscalled simplicity,
 And captive good attending captain ill:
 Tired with all these, from these would I be gone,
 Save that to die, I leave my love alone.*

162

66

Cansado disso tudo, a morte exijo;
 De ver o mérito nascido pobre
 E a nulidade posta em regozijo
 E a fé mais pura que a traição recobre
 E a honra de ouro em vergonha aviltada
 E a virtude de virgens posta à venda
 E a perfeição, num erro, desgraçada
 E a força ao coxo ceder na contenda
 E a autoridade amordaçando a arte
 E o tolo, doutoral, deitar saberes
 E a verdade escarnida ao dar-se em partes
 E o Bem cativo aos pés de vis poderes:
 Cansado disso tudo eu me finasse
 Se ao meu amor sozinho não deixasse.

Soneto notabilizado pela anáfora envolvendo 10 versos.

163

*When in the chronicle of wasted time
 I see descriptions of the fairest wights,
 And beauty making beautiful old rhyme
 In praise of ladies dead and lovely knights,
 Then in the blazon of sweet beauty's best,
 Of hand, of foot, of lip, of eye, of brow,
 I see their antique pen would have expressed
 Even such a beauty as you master now.
 So all their praises are but prophecies
 Of this our time, all you prefiguring;
 And, for they looked but with divining eyes,
 They had not still enough your worth to sing:
 For we, which now behold these present days,
 Have eyes to wonder, but lack tongues to praise.*

Quando na crônica passada imerso
 Vejo descritas belas criaturas
 E o belo embelezando o antigo verso
 Que honra as damas e os jovens na madura
 Escrita que as belezas anuncia
 E mãos e lábios e olhos comemora,
 Vejo que a antiga pena escrito havia
 Com força igual, tua graça de agora.
 Assim, era um prenúncio o que diziam
 Do nosso tempo e te prefigurava;
 Mas o olho de adivinho com que viam,
 A te cantar no todo não bastava.
 E os que vivemos teu presente, nós
 Temos os olhos, mas nos falta a voz.

*Soneto famoso que faz par com o seguinte, igualmente cé-
 lebre.*

*In the old age black was not counted fair,
 Or if it were it bore not beauty's name;
 But now is black beauty's successive heir,
 And beauty slandered with a bastard shame:
 For since each hand hath put on nature's power,
 Fairing the foul with art's false borrowed face,
 Sweet beauty hath no name, no holy bower,
 But is profaned, if not lives in disgrace.
 Therefore my mistress' eyes are raven black,
 Her eyes so suited, and they mourners seem
 As such who, not born fair, no beauty lack,
 Slandering creation with a false esteem:
 Yet so they mourn, becoming of their woe,
 That every tongue says beauty should look so.*

A cor negra era ontem sem valia
 Ou da Beleza não levava o nome;
 Mas agora é do Belo herdeira e cria
 E a Beleza em vergonha se consome.
 Se o Natural já tem nas mãos falsários,
 Se a arte falseia o Feio e a Belo o passa,
 Fica o Belo sem nome e sem sacrário
 E é profanado ou vive na desgraça.
 Da cor do negro corvo a minha amada
 Traz nos olhos o luto mais espesso
 Por quem não nasce loura mas agrada
 E a criação difama em falso apreço:
 E fica a gente com tal luto afim,
 Dizendo: o Belo deve ser assim.

*Entra em cena a questão da Dark Lady, morena e não
 ioura, precisando, para a idéia de beleza do contexto, a defesa
 do Bardo: aqui, o argumento é contra o uso de perucas louras
 e pela adesão à beleza morena ou pela desmontagem dos pre-
 conceitos estéticos a respeito do assunto.*

My mistress' eyes are nothing like the sun,
 Coral is far more red than her lips' red;
 If snow be white, why then her breasts are dun,
 If hairs be wires, black wires grow on her head.
 I have seen roses damasked, red and white,
 But no such roses see I in her cheeks;
 And in some perfumes is there more delight
 Than in the breath that from my mistress reeks.
 I love to hear her speak, yet well I know
 That music hath a far more pleasing sound;
 I grant I never saw a goddess go:
 My mistress, when she walks, treads on the ground.
 And yet, by heaven, I think my love as rare
 As any she belied by false compare.

Um exercício humorístico e famoso, a respeito do qual muitos comentaristas se empenharam vindo até uma prova final de que a Dark Lady tinha realmente cabelos pretos... Algo que a leitura crítica de nossos dias consideraria certamente um tema bem menor, no contexto geral dos Sonetos. Notar, que treads, traduzido por "esflora", tem um duplo sentido, valendo também por alusão a penetração violenta. O soneto trata, anti-hiperbolicamente, da questão da hipérbole, numa leitu-

O seu olhar não é o de um sol puro;
 Nenhum coral os lábios lhe acendeu;
 Se a neve é branca, os seios tem escuros;
 Se são fio os cabelos, negro é o seu.
 Já vi rosas damasco, branco-e-rosa,
 Porém nenhuma em sua face esplende
 E há muita essência bem mais perfumosa
 Que os hálitos que dela se desprendem,
 Adoro a sua voz, ainda quando
 Saiba mais doce o som de uma canção;
 Nunca vi uma deusa caminhando;
 Já minha amada, andando esflora o chão:
 Mas, pelos céus, eu creio que é tão rara
 Quanto as que em falsa imagem se compararam.

ra segunda, subjacente à de superfície. O dístico final chega quase a especificá-lo.

*Two loves I have, of comfort and despair,
 Which like two spirits do suggest me still:
 The better angel is a man right fair,
 The worser spirit a woman coloured ill.
 To win me soon to hell, my female evil
 Tempteth my better angel from my side,
 And would corrupt my saint to be a devil,
 Wooing his purity with her foul pride.
 And whether that my angel be turned fiend
 Suspect I may, yet not directly tell;
 But being both from me, both to each friend,
 I guess one angel in another's hell.
 Yet this shall I ne'er know, but live in doubt,
 Till my bad angel fire my good one out.*

Dois amores, um calmo e um de aflição,
 Espíritos que tenho, me influenciam.
 É homem, o anjo bom, de alta extração,
 E o mau, mulher tismada em demasia.
 A dar-me logo o inferno, o mal-mulher
 Tenta o meu anjo bom, logo o retira
 E quer que o santo vá demônio, quer
 Levar luxúria à graça que o cobrira.
 E embora eu pense que o anjo bom bem há-de
 Doar-se ao diabo, não sou eu que o diga;
 Anjos de mim saídos na amizade,
 Um no inferno do outro talvez siga.
 Talvez — e sei que a dúvida não cessa —
 Até que o anjo mau ao bom despeça.

*Alusão aos dois amores (Southampton e a Dark Lady),
 que entre si se relacionam também, também amorosamente:
 um soneto cheio de jogos com o hell, inferno, que no inglês
 elizabetano valia também por órgão sexual; no verso final, fi-
 re out pode se referir a que um amante "atinja" o outro pela
 contaminação de uma enfermidade venérea, que grassava na
 sociedade elizabetana.*